

COP E AVA: UMA PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTO E INTERCÂMBIO DE SABERES

Aline de Abreu Curunzi Chanan¹
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: O artigo discorre sobre a Teoria das Comunidades de Prática (CoP) (Wenger; Lave 1991) e Teoria da Aprendizagem Social (Wenger, 1998), com a concepção de construção coletiva de conhecimento e intercâmbio de saberes. Propõe uma possibilidade de utilização do ambiente MOODLE como ferramenta pedagógica, a fim de potencializar as relações presenciais entre os integrantes de comunidades de prática em cursos de graduação. A intenção da proposta da utilização do ambiente MOODLE em comunidades de prática vai além da mera instrumentalização e interação com os elementos, mas de construir com o grupo de docentes e discentes a concepção de uma construção coletiva que permite o intercâmbio de saberes que vão sendo significados a cada momento. Assim, utilizamos em nossa prática docente a mediação das ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas, construindo um significado pedagógico para elas. Esperamos que as comunidades virtuais possam contribuir para a comunicação e interação de pessoas em comunidades de prática.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades de Prática; Ambientes Virtuais de Aprendizagem; Interação; Comunidades Virtuais de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Não é próprio do ser humano viver sozinho. Pessoas buscam agrupar-se conforme suas vontades ou necessidades em todos os setores, empresariais, religiosos, sociais, esportivos, emocionais, de lazer, educacionais, etc.

A Comunidade de Prática (CoP), o termo criado por Etienne Wenger² em conjunto com Jean Lave em 1991, designa um grupo de pessoas que se unem em torno de um mesmo tópico ou interesse. Essas pessoas trabalham juntas para encontrar meios de melhorar o que fazem, ou seja, na resolução de um problema ou no aprendizado diário, através da interação regular. A participação efetiva em comunidades de prática pressupõe a relação intensa e profunda entre as pessoas, aflorando o senso de responsabilidade e de compartilhamento, os conflitos e as emoções. Estas características fazem da comunidade de prática em ambiente educacional, um contexto rico para a reflexão metodológica, didática e

* XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online - junho/2014 - <http://evidosol.textolivre.org>

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina, Integrante do grupo de estudos FELIP- Formação e Ensino em Língua Portuguesa, do Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL, professora da educação básica da SEED- Secretaria de Estado da Educação. Contato: aline.curunzi@gmail.com.

² O endereço eletrônico <http://wenger-trayner.com> traz a conceituação de comunidades práticas e o trabalho desenvolvido por Wenger, agora em parceria com Beverly Wenger-Trayner .

prática das situações cotidianas escolares, o que pode oferecer a estes sujeitos a possibilidade de, mais que solucionar um problema, a construção de um conjunto de ações que podem melhorar o ambiente de trabalho e aprendizagem.

Então, podemos dizer que, em Comunidades de Prática (CoP) a comunicação e a interação são fatores cruciais para o bom andamento e negociações do grupo, porque, para se construir conhecimento os participantes tem a necessidade de compartilhar informações, trocar conteúdos, discutir pontos de vista, planejar, propor soluções. Ainda, é um meio eficiente para o processo de aprendizagem, por permitirem uma maior facilidade de compartilhamento do conhecimento, principalmente o tácito, que é transmitido pela ação, discussão e integração de pessoas em um determinado grupo.

À medida que as ferramentas de comunicação são incorporadas às propostas de educação online, a interação torna-se elemento fundamental na concepção e avaliação de estratégias pedagógicas. Para Recuero (2005), “interação é aquela que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares.” Para outros autores, a interação é concebida como a própria comunicação. Essas interações repetidas constituem as relações sociais. A interação, sob uma visão mais abrangente, depende das formas de agir do indivíduo, incluindo habilidades que possibilitam um horizonte de arranjos sociais para a produção de conhecimento. A proposta de usos de novas tecnologias, na internet e em ambiente virtual de aprendizagem, visa apresentar um trabalho possível em cursos de graduação, neste caso nos últimos anos de Letras.

1.1 CoP e AVA: Conceitos

Ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) são sistemas que reproduzem a sala de aula presencial para o meio on-line para oferecer novas ferramentas que facilitem a aprendizagem. (DE COPETTI E DA SILVA GOMES). Corroborando com as características das CoP, nestes sistemas é encorajada a colaboração, a pesquisa, o compartilhamento, além do armazenamento e reuso dos recursos. De acordo com Kenski (2004) os AVA nascem da necessidade de satisfazer algumas condições, às quais também podemos correlacionar com as CoP, como: objetivos comuns a todos os membros; centralização dos resultados a serem alcançados; igualdade de direito e de participação para todos; aprendizagem colaborativa; criação ativa de conhecimentos e significados de acordo com o tema de interesse na comunidade.

Existem diversas ferramentas virtuais interativas que podem ser utilizadas com o objetivo educacional. A nosso ver, a plataforma MOODLE é uma das mais organizáveis e, por ter sido criada em uma base sócioconstrutivista, seus recursos apresentam dois conceitos oportunos para o meio pedagógico: acesso irrestrito à educação e o ensino enriquecido. Ele é capaz de aprimorar a organização, ritmo, expressão escrita, compreensão e assimilação dos envolvidos no processo, encorajar o aluno mais tímido a opinar e fazer com que os outros ouçam sua voz no meio virtual. O aprendiz é um sujeito ativo e reflexivo, que aprende a ter domínio do conhecimento a partir de sua autonomia.

As comunidades virtuais “em geral”, se criam por motivos muito diferentes (desde o consumo de informação, a interesses particulares em um tema concreto, passando pelo recurso a canais de comunicação estáveis), e agregadas a conceito de CoP são organizações que se definem pela partilha de uma prática entre os seus diferentes membros, mais que por ter uma ideia de comunidade muito mais definida que as comunidades virtuais esporádicas, conjunturais. As comunidades de aprendizagem baseadas na construção de conhecimento

cumprem o objetivo específico de produzir conhecimento como resultado do processo de discussão sobre a prática. Para John-Steiner (2000), ao se relacionar de maneira cooperativa, os seres humanos participantes do processo de maneira intensa desenvolvem algumas novas habilidades e também, ao trabalharem a sua expressão emocional e cognitiva, podem encontrar em si mesmo aspectos nunca antes percebidos. O sujeito cresce e desenvolve-se apoiando se no outro, nas capacidades alheias, assim como o outro poderá apoiar-se no primeiro, estabelecendo uma conexão colaborativa, a apropriação mútua e o interdesenvolvimento. Assim, os esforços baseados na colaboração seriam capazes de desencadear um processo de transformação no qual a visão compartilhada, o interesse, a complementaridade de competências, a perseverança interfeririam na produtividade de cada indivíduo envolvido no processo. A autora acredita que há uma grande “dinâmica de relação” quando se executam ações de forma colaborativa. Para tanto é necessário que haja interesse em comum e metas articuladas e compartilhadas, além de criatividade e confiança. Para alguns autores, mesmo a participação periférica geraria conhecimento. (Lave e Wenger, op.cit)

1.1 Comunidades virtuais em ambiente pedagógico: a prática

As comunidades virtuais vêm ganhando espaço no cenário pedagógico, constituindo-se em lócus de aprendizagem e sociabilidade. O conceito foi usado inicialmente na década de noventa por Rheingold (1997) que as concebe como agregações sociais que surgem na internet, formadas por variados interlocutores, que podem ter interesses que vão do conhecimento científico ao conhecimento espontâneo, utilizando esses espaços para trocas intelectuais, sociais, afetivas e culturais, permitindo aflorar os seus sentimentos, estabelecendo teias de relacionamentos, mediadas pelo computador, conectados na rede.

Caminhando por este pensamento, parece-nos pertinente unir os conceitos de e comunidades de prática e ambientes virtuais de aprendizagem. A intenção é constituir mais um espaço de aprendizagem, além de implantar a cultura tecnológica na nossa instituição e principalmente mediar o processo de construção do conhecimento.

Propomos então a formação de comunidades de prática no ensino superior, juntamente com as práticas do curso, na licenciatura, prioritariamente nos anos iniciais. Para tanto, o professor que propusesse esta atividade teria uma carga horária de vinte por cento da sua disciplina à distância.

1.1.1 Procedimentos

- Presencialmente, os alunos, como professores em formação, teriam a tarefa de escolher uma escola estadual, preparar um questionário, a fim de saber o que mais atrapalha, emperra, prejudica o processo de ensino e aprendizagem. Ao conseguirem respostas, em uma atividade comum, os alunos discutiriam e tomariam para si os principais problemas. Toda discussão, embasamento teórico, atividades em grupo, criação de blogs, questionários deveriam ser feitos virtualmente.
- No MOODLE, separar os alunos em grupos, somente o professor seria participante em todos eles. Um dos componentes seria responsável em propor atividades que os levassem a estudar teoricamente o problema, discutissem a solução. Com o

refinamento das questões, seria proposto aos grupos, que levantassem ações práticas a solução do problema surgido na pesquisa inicial.

- Após este processo, os grupos sairiam a campo e organizariam a aplicação destes projetos na escola consultada a princípio. Depois destas fases, os grupos proporião um evento presencial para a apresentação dos projetos e dos resultados.
- Por fim, seria aberto um fórum de avaliação geral no MOODLE, para os comentários relevantes de cada projeto desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção da proposta da utilização do ambiente MOODLE em comunidades de prática vai além da mera instrumentalização e interação com os elementos, mas de construir com o grupo de docentes e discentes a concepção de uma construção coletiva que permite o intercâmbio de saberes que vão sendo significados a cada momento. Assim, utilizamos em nossa prática docente a mediação das ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas, construindo um significado pedagógico para elas. O propósito foi criar um espaço de troca e socialização de informações e conhecimentos entre os professores e alunos, extrapolando os encontros presenciais, para que sejam capazes de estabelecer significado para estes elementos tecnológicos e posteriormente construir e efetivar comunidades virtuais de aprendizagem em outras organizações que participem.

A escola que conhecemos, tradicionalmente, concebe a aprendizagem como um processo de transmissão unidirecional (de cima pra baixo) de informações a partir de uma suposta fonte de "saber" (professor, livro, vídeos instrucionais etc.) para outro extremo (estudantes), onde se presume que haja carência e interesse desse conhecimento. Nessa perspectiva, o conhecimento é abstrato e desconectado da realidade prática (BECKETT e HAGGER, 2002). Por outro lado, contextos sociopráticos de trocas de conhecimento são considerados altamente eficazes à aprendizagem, pois conseguem aliar as duas dimensões do conhecimento (tácita e explícita) na dinâmica de aprendizagem (WENGER, MCDERMOTT e SNYDER, 2002). É no contexto de aprendizagem socioprática que emerge a noção de "comunidade de prática" (CoP). Pensar o processo de ensino e aprendizagem sob a perspectiva das CoP pressupõe pensar em uma mudança importante nas concepções de aprendizagem, mudando o enfoque do que se entende deste processo. A abordagem proposta por Wenger considera o conhecimento para além dos muros escolares, a relação entre a aprendizagem e a própria vida pessoal e social do sujeito.

A referência à comunidade, como origem da vida social e, portanto, como principal contexto de referência para qualquer sujeito, faz com que a aprendizagem não seja vista como um fim em si mesmo (o que ocorre muitas vezes nas abordagens meramente pedagógicas ou psicológicas), mas como uma componente mais do conjunto da experiência." (Rodrigues Illera, 2007)

Muito mais que uma postura salvacionista, as ferramentas tecnológicas, principalmente a internet, podem potencializar a comunicação e a interação pedagogicamente: Tecnologias como a internet estenderam o alcance de nossas interações além das limitações geográficas de nossas comunidades expandindo as possibilidades e convidando a novos tipos de comunidades baseadas na prática compartilhada.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, a interação com o objeto, os conteúdos a serem estudados estão mais acessíveis, ao clique de um dedo. Também, por contar com ferramentas assíncronas, a qualidade dos trabalhos e pesquisas pode ser aperfeiçoado. Uma constatação interessante acerca dos achados dos estudos refere-se ao fato que o uso das tecnologias dos ambientes virtuais de aprendizado facilita a reflexão. A comunicação assíncrona, caracterizada pelos fóruns e listas de discussão, permite que os sujeitos envolvidos tomem iniciativas no seu aprendizado e que sejam mais eficientes na comunicação. Entretanto, o emprego dessas ferramentas como estratégia pedagógica na educação online requer mais tempo do administrador/professor na alimentação deste ambiente e do aprendiz que deverá organizar seu tempo para estudos, leituras.

A proposta do uso das tecnologias em comunidades de prática tem o objetivo de criar mais um canal de comunicação entre os participantes. O que se observa é que a comunicação online é eficaz para a construção do conhecimento dos alunos através de interações estimuladas pelo professor e a preferência pelo trabalho em grupo, ao invés do individual, o que deve ser considerado pelos educadores ao conceber um curso de educação online. A adoção de uma abordagem construtiva na concepção de um modelo de aprendizado online melhora o pensamento crítico do aluno ao permitir olhar com sucesso para diferentes práticas e experiências em diversas situações da vida real. Há pessoas que se sentem mais confiantes e menos tímidas atrás do computador, sendo este mais um ponto ao seu favor. A proposta da utilização das tecnologias em comunidades de prática é interessante como ferramenta interacional, porém faz-se necessário encontro e a relação presencial. Os alunos, acostumados com o método tradicional de aprendizado presencial, precisam adequar seu estilo de aprendizado à esta modalidade e os instrutores, por sua vez, devem promover a comunicação entre os participantes, estimular o julgamento crítico e o compartilhamento do conhecimento, o que é compatível com um aprendizado centrado no aluno mais do que no professor.

Apesar das limitações dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem AVA, os alunos geralmente avaliam que o aprendizado foi melhor do que no método tradicional e expressaram o desejo de participarem em mais cursos online.

BIBLIOGRAFIA

BECKETT, D; HAGGER, P. Life, work and learning: practice in postmodernity. New York: Routledge, 2002.

DE COPPETTI, Ligia Maria Sayão Lobato; DA SILVA GOMES, Leny. Participação e interação em um ambiente virtual de aprendizagem Participación e interacción en un ambiente virtual del aprendizaje. Disponível em http://www.uniritter.edu.br/eventos/linguagem/anais_artigos/ARTIGOS/L/Leny%20da%20Silva%20Gomes.pdf. Acesso em 17/05/2014.

JOHN-STEINER, Vera. Thought Communities. In:____. Creative Collaboration. New York: OUP, 2000, p. 187-204.

KENSKI, Vani M. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2007.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. Situated learning: Legitimate peripheral participation. Cambridge university press, 1991.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf Acesso em: 02/07/2013

WENGER, Etienne. Communities of practice: Learning, meaning, and identity. Cambridge university press, 1998.

_____ MCDERMOTT, R; SNYDER, W. M. Cultivating communities of practice. Boston: Harvard Business School Press, 2002.